



» CB.Poder | **GUARINO COLLI** | PROFESSOR DE ZOOLOGIA DA UnB

Pesquisador lamenta que foco principal da Conferência do Clima seja a floresta e que o segundo maior bioma brasileiro receba menos atenção — apesar de ser o berço das águas do Brasil e de ter uma biodiversidade que é tão rica quanto a da Amazônia

“O que ocorre no Cerrado repercute em todo o país”

» RAFAELA BOMFIM*

O Cerrado é o segundo bioma brasileiro em extensão, é fundamental para o abastecimento de água para todo o país, mas atrai menos atenção que a Amazônia — apesar de ter uma biodiversidade tão rica quanto. A advertência é do professor Guarino Colli, do Departamento de Zoologia da Universidade de Brasília (UnB) e coordenador da Rede Biota Cerrado. Em entrevista ao CB.Poder — uma parceria do Correio com a TV Brasília —, ele explicou a necessidade de se inserir o Cerrado nas discussões da COP30 e desenvolver estratégias de financiamento para a preservação do bioma. Leia a seguir a conversa conduzida pelas jornalistas Mariana Niderauer e Mila Ferreira.

A COP30 será realizada em Belém, na Amazônia. Qual a avaliação sobre a presença do Cerrado nesse debate?

A realização da COP30 no Brasil é muito importante. É um evento mundial, no qual os países membros das Nações Unidas se reúnem para discutir a crise climática e seu enfrentamento. A crise climática é indissociável da crise da biodiversidade. O Cerrado é o segundo bioma brasileiro em extensão, depois da Amazônia. Possui grande biodiversidade e é crucial que esteja na agenda da COP. Sem essa visibilidade, políticas de conservação e financiamento acabam concentradas apenas em florestas.

É o momento de articular a maior participação do Cerrado na COP?

Certamente. Como a conferência será em Belém, todo o foco fica na Amazônia. Sempre que se discute conservação, no Brasil e no mundo, fala-se muito da floresta, e isso é importante. Mas, com esse foco exclusivo, outras regiões ficam descobertas, e o Cerrado é uma delas. Precisamos mostrar que ele abriga uma biodiversidade comparável à Amazônia e fornece serviços ecossistêmicos vitais.

O Cerrado enfrenta desafios específicos em preservação, restauração e conservação. Por que ele é tão importante?

Em muitas situações, o Cerrado é tão diverso quanto a

Ed Alves/CB/D.A Press



Amazônia em número de espécies por hectare. A Amazônia tem maior extensão e é mais difícil de ocupar mecanicamente. O Cerrado sempre foi visto como pobre em biodiversidade, mas, hoje, sabemos que abriga uma enorme variedade de espécies e fornece serviços essenciais, especialmente água e clima. Dentre as 12 principais bacias brasileiras, oito têm nascentes no Cerrado, como São Francisco, Paraná, Paraguai, Araguaia e Tocantins. O que ocorre no Cerrado repercute em todo o território nacional.

Como a devastação do Cerrado impacta a água e outros serviços ecossistêmicos?

Basta lembrar da crise de energia durante o apagão. Os níveis dos reservatórios baixaram porque os rios e o lençol freático diminuíram. A falta de água afeta o abastecimento, irrigação e a geração de energia. O Cerrado é berço das águas — se ele for degradado, toda a sociedade sofre. Além disso, a alteração do solo e da cobertura vegetal interferem na capacidade de retenção de água e na qualidade da



O problema começa na Constituição, que cita Amazônia e Mata Atlântica, mas não o Cerrado. No Código Florestal, propriedades na Amazônia devem preservar 80% da área; no Cerrado, apenas 20%. A legislação não protege adequadamente o Cerrado. Precisamos discutir mudanças, criar agricultura sustentável e garantir biodiversidade"

irrigação, afetando o agronegócio e a vida urbana.

A legislação ambiental protege o bioma de forma adequada?

O problema começa na Constituição, que cita Amazônia e Mata Atlântica, mas não o Cerrado. No Código Florestal, propriedades na Amazônia devem preservar 80% da área; no Cerrado, apenas 20%. Em áreas de transição, 35%. A legislação não protege adequadamente o Cerrado. Além disso, muitas propriedades não cumprem nem esse percentual.

Precisamos discutir mudanças, criar agricultura sustentável e garantir biodiversidade. Sem isso, não é possível conciliar produção agrícola com conservação.

A meta 30x30 da ONU ajuda nesse sentido?

A meta prevê proteger 30% dos biomas até 2030, mas a lei atual só exige 20% para o Cerrado. O passivo ambiental é grande, e precisamos de monitoramento, dados de qualidade e restauração de áreas degradadas. É possível conciliar agricultura, pecuária e

conservação, aumentando produtividade e recuperando ecossistemas. Iniciativas de consórcio agrícola-floresta-pecuária já demonstraram resultados positivos.

A UnB está preparada para apoiar essas iniciativas?

A Rede Biota Cerrado envolve pesquisadores de várias instituições em todo o país. As soluções existem, e a sociedade deve ouvir a ciência para tomar decisões informadas. Ninguém quer apagão ou falta de água. Preservar o Cerrado significa garantir qualidade de vida, alimentação e justiça social.

Como funciona o Cadastro Ambiental Rural?

Todo proprietário deveria cadastrar sua propriedade, indicando áreas ocupadas por agricultura, pecuária, edificações e áreas verdes. Se o cadastro fosse monitorado e atualizado, seria muito mais fácil acompanhar a situação do Cerrado e de outros biomas. Atualmente, nem todas as propriedades estão registradas corretamente, o que dificulta políticas públicas eficientes.

Qual o papel do Cerrado no mercado de carbono?

Grande parte da biomassa está abaixo do solo, nas raízes. É uma “floresta invertida”. Ignorar o Cerrado nesse mercado é um erro, pois a degradação libera carbono acumulado por séculos. O Cerrado é um importante repositório de carbono. Incorporá-lo em mecanismos de compensação climática é estratégico para reduzir emissões e valorizar práticas de conservação.

E sobre financiamento climático? O Cerrado precisa de investimentos?

Precisamos de dados confiáveis, monitoramento e atualização constante. Investimentos em ciência e tecnologia são essenciais para enfrentar crises climáticas. Universidades públicas e institutos de pesquisa têm papel estratégico. Sem esses recursos, políticas ambientais permanecem fragmentadas e ineficazes.

Qual é o papel dos povos indígenas e das comunidades tradicionais na preservação do Cerrado?

São fundamentais. Vivem em harmonia com o Cerrado há séculos. Preservar suas terras significa proteger a biodiversidade e enfrentar mudanças climáticas. Comunidades tradicionais também atuam como guardiãs de áreas estratégicas de água e biodiversidade, com técnicas de manejo sustentável adaptadas às condições locais.

E no Distrito Federal, o Cerrado enfrenta desafios específicos?

Aqui, a proporção de áreas protegidas é alta, com parques nacionais e unidades de conservação, mas o crescimento urbano isola essas áreas. É essencial preservar cursos d’água e habitats naturais para manter a qualidade de vida da população. Queimadas, inclusive criminosas, ameaçam ecossistemas e espécies nativas.

Como o cuidado com Cerrado garante qualidade de vida?

Água, alimento, energia e justiça social estão interligados à conservação do bioma. Ignorá-lo é comprometer o futuro. Políticas integradas, monitoramento científico e engajamento da sociedade são fundamentais para um Cerrado sustentável.

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

Prévia expõe a dificuldade de consensos

» RAFAELA GONÇALVES

A prévia da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima mostrou que os países estão longe de convergir em vários temas. Segundo o embaixador André Corrêa do Lago, presidente da COP30, embora tenha havido avanços importantes, só nos últimos momentos do encontro de Belém é que será possível avaliar se haverá consenso entre os participantes.

“Conseguimos avanços importantes, mas só nos últimos dias será possível saber se haverá consenso na maioria dos termos. O diálogo tem sido mais maduro e com maior clareza”, avaliou, acrescentando que a pré-COP foi essencial

para “mapear os limites e alinhar expectativas”. “O foco é a implementação, não o consenso absoluto, com cooperação e apoio mútuo entre os países”, enfatizou.

Segundo Corrêa do Lago, ficaram claros as barreiras impostas pelos países, que serão negociadas em novembro. “Os países foram muito claros nos limites do que eles podem ou não podem aceitar num processo de negociação”, frisou.

Ao fazer um balanço sobre a pré-COP, a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, chamou atenção para o Balanço Global (GST, na sigla em inglês), que avalia os avanços em relação ao Acordo de Paris. Ela destacou que a conferência de Belém

deve ser a “COP da ação”.

“Temos facilidade de iniciar ações e dificuldades em descontinuar práticas que parecem dar certo, mesmo quando já causam problemas”, explicou.

Por conta da promessa de implantação de medidas de preservação e sustentabilidade, a pré-COP serviu também para protestos de ativistas que cobram que programas e projetos saiam do papel. Ontem, um grupo ergueu uma capivara inflável na frente do local onde ocorriam os debates exatamente para frisar que as propostas têm de ser concretizadas.

Na pré-COP, foram discutidos temas como clima, natureza e florestas, com os oceanos ganhando destaque nos debates. O Brasil

aposta no Fundo Florestas Tropicais para Sempre como principal mecanismo de financiamento climático. Esse evento preliminar também abordou outras alternativas de financiamento, como a troca de dívida por investimento climático — proposta feita pela Colômbia. A CEO da COP30, Ana Toni, destacou que foram discutidos novos instrumentos econômicos, mas “os países concordam sobre a importância do tema, mas ainda divergem quanto aos caminhos e formatos para implementá-lo”.

A organização da COP30 adiantou que 162 delegações estão credenciadas para Belém, número confirma o quórum mínimo para a realização do evento e para a tomada de decisões.

Sergio Lima/AFP



Sob uma capivara inflável, ativistas cobram implantação de medidas